



Westsächsische Hochschule Zwickau
University of Applied Sciences
HOCHSCHULE FÜR MOBILITÄT | UNIVERSITY FOR MOBILITY



Angewandte Sprachen und Interkulturelle Kommunikation
Fakultät der Westsächsischen Hochschule Zwickau

15. Deutscher Lusitanistentag Zwickau

Sektion 2: Krisen des Imperiums: Utopie, Dystopie, Rewriting

Secção temática : Crises do império. Utopia, distopia, reescrita

Sektionsleitung/ Coordenação:

Susanne Grimaldi (Technische Universität Dresden)

Danae Gallo González (Universität Gießen)

Mylena de Lima Queiroz (Universidade Estadual da Paraíba)

Romana Radlwimmer (Goethe-Universität Frankfurt)

Stand / última atualização: 08/09/2023

Sala/ Raum: GAB 304

Resumos – Abstracts

Emiliano Dantas

*(Centro em Rede de Investigação em Antropologia – Instituto
Universitário de Lisboa)*

Mi/ 4ª, 20/09/2023, 9h15

Cartas do Mau Encontro.

Ao reproduzirmos imagens coloniais reproduzimos o discurso colonial?

As Imagens fotográficas tomadas em colónias, que expõem corpos e lugares como conquistas dos portugueses em África, são conteúdos que carregam e alimentam uma narrativa e uma ideologia onde há um dominador e um dominado. Os mapas também são imagens que demonstram a sede imperialista do colonizador em demarcar e identificar terras, rios, florestas e as riquezas classificadas como naturais. Se fotografias e mapas teceram uma linguagem dos dominadores, carregada de exotismos e de um discurso dos europeus como civilizadores dos selvagens, Cartas do Mau Encontro se propõe a intervir nestas imagens, provocando mudanças, se posicionando como antirracista e anticolonialista. Sendo assim, Cartas do Mau Encontro é a possibilidade de colocar o problema dentro da imagem, criando modificações nos chamados “documentos originais” que não devem ser alterados. Deste modo, espera-se gerar um questionamento sobre a visão hegemônica e abrir possibilidades para outras maneiras de ver e contar a História, com reflexos sobre o presente.

Fica o cosmos, fica o céu.

Pensar a partir da caatinga e da Terra Indígena brasileiras

Pensando a partir da Caatinga, bioma exclusivamente brasileiro, Antônio Bispo - do Quilombo Saco Curtume, no Piauí - aponta a cosmofobia, a fobia do cosmos, como inauguração do eurocentrismo e empreende uma guerra das denominações: "o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las" (p. 12), fortalecendo a diversidade entre ecossistemas, idiomas, espécies e reinos. As "palavras de um xamã yanomami" são retratadas em "A queda do céu", ao nos apresentar a vida de Kopenawa, quem narra desde sua iniciação religiosa a sua condição de líder na Terra Indígena Yanomani. De acordo com as tradições e culturas desse povo, os Yanomamis impedem a queda do céu, queda esta associada às violências da colonialidade. Neste sentido, a obra "A terra dá, a terra quer" (2023) - ao germinar palavras como biointegração, esta semeada contra "desenvolvimento sustentável", e contracolonialismo, oposição à colonialidade - busca a confluência de sabers, com as palavras do mestre quilombola Antônio Bispo, enfraquecendo as "palavras do inimigo". Além disso, a obra "A queda do Céu" (2015) associa auto-etnografia com base em relatos do xamã yanomani, manifesto político de povos tradicionais e uma cosmovisão antimaterialista. Desta maneira, Antônio Bispo e Davi Kopenawa, em suas diversidades, ao denunciar a cosmofobia eurocristã e o esvaziamento desses "povos da mercadoria", promovem pensamentos fronteiriços e integrativos. Estas alianças, pós

crise do império, pós depressão do colonialismo, visam a mundos, saberes, alimentos, espaços e cultivos de modo "diversal".

Anne Burgert

(Johannes Gutenberg-Universität Mainz / Germersheim)

Mi, 20/09/2023, 14h

Neue Arten des Betrachtens.

Koloniale Fotografien in aktuellen portugiesischen Ausstellungen

Die Fotografie war ein wichtiger und sinngebender Bestandteil des portugiesischen Imperiums, da sie dabei half, auch denjenigen ein Bild von der Expansion zu vermitteln, die im Mutterland zurückblieben. Fotografien halfen beim Konstituieren der imaginären Einheit eines unter portugiesischem Einfluss geschaffenen Weltreichs und waren vermeintliche Zeugen der Wahrhaftigkeit, gaben sie doch vor, eine dokumentarische Funktion zu erfüllen, die über jeden Zweifel erhaben war. Als von den Kolonialbehörden verwendetes Mittel erfüllten sie häufig den Zweck der Stützung des Machtapparates und gingen in dieser Funktion gemeinsam mit den entsprechenden offiziellen Berichten in die Archive ein.

Erst seit relativ kurzer Zeit wenden sich Forschende, Journalist*innen, Museen und Kunstschaaffende diesen Archiven und den darin enthaltenen Fotografien zu. Diese Arbeiten resultieren aktuell in einer Reihe von Ausstellungen, in deren Rahmen die portugiesische Öffentlichkeit Zugang zu den Fotografien erhält. In dieser Form veröffentlicht, gewähren sie den Betrachtenden nicht nur aufgrund der zeitlichen Distanz, sondern auch aufgrund des gänzlich neuen Settings, in denen sie gezeigt werden, einen

neuen und kritischen Zugang. Das Betrachten kolonialer Fotografien in aktuellen Ausstellungen kann mit John Berger daher treffend mit „To look is an act of choice“ beschrieben werden.

Diese Arbeit nimmt die Veränderungen in den Blick, die den Fotografien durch Auswahl, Präsentationsart und -ort sowie durch ihre Paratexte in den verschiedenen Ausstellungen auferlegt werden. Betrachtet werden Ausstellungen von 2019 bis heute, die von wissenschaftlichen Ausstellungen wie beispielsweise „O impulso fotográfico: (des)arrumar o arquivo colonial“ im *Museu Nacional de História Natural e da Ciência* bis hin zu künstlerischen Video-Installationen wie „Terra (In)submissa“ im *Museu do Aljube – Resistência e Liberdade* reichen. Trotz ihrer unterschiedlichen Ansätze fragt diese Arbeit, inwiefern die neuen, postkolonialen Kontexte, in denen die Fotografien präsentiert werden, in all ihren unterschiedlichen Formen zu einer neuen „Art des Sehens“ (Berger) führen und inwiefern dies zu Brüchen, Transformationen und Neukonfigurationen in den Betrachtungsweisen des „Imperiums“ führen.

Anne Burgert

(Johannes Gutenberg-Universität Mainz / Gernersheim)

4a, 20/09/2023, 14h

Novas formas de olhar.

Fotografias coloniais em exposições portuguesas na atualidade

A fotografia foi uma componente importante do império português, pois ajudou a transmitir a imagem da expansão aos que ficaram na “metrópole”. As fotografias ajudavam, assim, a constituir o imaginário de

um império mundial criado sob a influência portuguesa. Eram supostas testemunhas de veracidade, pretendendo cumprir uma função documental inquestionável. Porém, como meio utilizado pelas autoridades coloniais, tinham muitas vezes o objetivo de suportar o aparelho de poder, tendo sido arquivados juntamente com os relatórios oficiais correspondentes.

Ultimamente tem-se notado um acrescido interesse nestas fotografias por parte de investigadores, jornalistas, museus e artistas, que, através dos seus trabalhos, as tornaram públicas em forma de exposições. Desta forma, oferecem aos espetadores um novo acesso crítico, não só pela distância temporal com que são mostradas, mas também pelos diferentes cenários de apresentação que as exposições propõem aos visitantes. A contemplação de fotografias coloniais em exposições remete, desta forma, para o conceito de John Berger que descreveu o olhar como "an act of choice".

Este artigo procura saber em que medida a perspetiva sobre as fotografias é alterada, nas várias exposições, através da seleção, do modo e do local de apresentação, bem como através dos paratextos das fotografias. São consideradas exposições de 2019 até ao presente, desde exposições científicas, como "O impulso fotográfico: (des)arrumar o arquivo colonial" no Museu Nacional de História Natural e da Ciência, até vídeo-instalações artísticas, como "Terra (In)submissa" no Museu do Aljube – Resistência e Liberdade. O artigo questiona em que medida os novos contextos pós-coloniais de apresentação, nas suas diferentes formas, conduzem a um novo "modo de ver" (Berger) e em que medida isso resulta em ruturas, transformações e reconfigurações nos modos de olhar o "império".

Elaine Calça

(Universidade de São Paulo -USP/Universidade de Münster)

Mi/ 4ª, 20/09/2023, 14h45

**Representações do passado colonial
para a descolonização da memória:
leituras a partir da Literatura Contemporânea Brasileira
e em Língua Alemã**

Essa comunicação propõe apresentar resultados preliminares de um estudo comparativo de romances históricos contemporâneos que trazem representações do colonialismo. Nosso corpus é composto pelos romances brasileiros *Desmundo* de Ana Miranda (1996), *Um defeito de Cor* de Ana Maria Gonçalves (2006), *Nove Noites* de Bernardo Carvalho (2002) e pelo alemão *Morenga* de Uwe Timm (1978, 2020). A partir da seguinte questão: em que medida os romances conseguem intervir na memória coletiva do passado colonial? Ao analisar a intencionalidade dos autores, que se pretendem críticos, nota-se como essas novas narrativas se diferem da narrativa da literatura colonial, àquela produzida até meados do século XX. Esses romances utilizam a história oficial, fontes documentais e da pesquisa arquivística para se contrapor à narrativa hegemônica e assim criam-se novas perspectivas do passado. No cerne desse projeto está uma nova concepção de história, à qual perseguimos. Nosso objetivo é analisar os procedimentos e técnicas com que os autores transpõem as fontes históricas para seus romances a partir da colagem, criando *colonialismos multiperspectivados*. A partir do uso desse recurso estilístico nesses romances históricos é possível perceber as singularidades e pontos em comum no desenvolvimento dessas novas re-apresentações

(escanção usada por Spivak, 2010) do passado colonial. Nossa hipótese é que as fontes documentais e a história são usadas como matéria-prima literária pelos autores, evidenciando a existência de um projeto estético político em comum dos autores em trabalhar a partir da falta, daquilo que não está nas fontes históricas. Aqui a falta, em vez de ter sido entendida como culpa, recalque, foi potência de criação literária, ficcionalização do que não se é contado pela historiografia oficial. Por último, gostaríamos de apresentar como a colagem e essa recuperação do passado colonial foi recepcionada no Brasil e na Alemanha. Como a partir do *estranhamento*, causado no leitor, à essa documentação oficial foi possível gerar um debate sobre o colonialismo na esfera pública, no Brasil e na Alemanha, e assim traçar como os romances são subversivos em relação ao cânone historiográfico da época e, portanto, ainda atuais. O projeto estético político dos autores contribui para descolonização da memória.

Laura Rivas Gagliardi (Universität zu Köln)

Do/ 5ª, 21/09/2023, 8h30

**Alfredo Bosi pensa o Império brasileiro:
liberalismo e escravização**

Com a independência em 1822, o Brasil funda uma monarquia própria, autônoma do império português. A monarquia brasileira – que se autodesignava “Império brasileiro” – durou até 1889, com a Proclamação da República. A historiografia brasileira divide esse período entre Primeiro Reinado, sob o comando de Pedro I, filho de D. João VI, e Segundo Reinado, sob o comando de Pedro II, filho de Pedro I e da princesa austríaca Leopoldina. Nem a fundação do império brasileiro nem a

Proclamação da República representaram uma transformação da estrutura colonial, baseada na exploração da mão de obra de africanos e indígenas escravizados. Do mesmo modo, o Brasil continuou a ocupar a posição mundial de fornecedor de matéria-prima para as indústrias europeias, em crescente expansão, posição que restringia a implementação do trabalho assalariado e da modernização advinda da industrialização. Segundo a interpretação de Roberto Schwarz, o braço escravizado era elemento fundamental para a expansão do capitalismo europeu, suprimindo a falsa oposição entre capitalismo e escravismo, que circunscrevia a história do tráfico negreiro ao âmbito das histórias nacionais. O governo imperial brasileiro e as elites do país empenharam-se em forjar um passado digno e um futuro promissor, que pagava seus crimes, ocultando sua participação na modernidade do mundo pela via bárbara da escravização. Para isso foram mobilizadas estratégias tanto em plano administrativo, com a fundação de órgãos públicos e fomento de expedições de caráter científico, quanto em plano cultural e ideológico, com a valorização idealizada do indígena na representação artística. Um dos instrumentos mais eficazes para a construção imaginária da nação imperial passava, assim, a ser a literatura e a escrita da história. Apenas no século XX, em especial a partir do ensino universitário da literatura, o compromisso colonial-imperial da escrita da história literária brasileira passa a ser visto de maneira crítica. No campo dos estudos literários, surgem obras que desvendam os problemas ideológicos advindos das contradições da situação colonial. Em minha comunicação vou me concentrar na interpretação de Alfredo Bosi, em *Dialética da colonização* (1992), especialmente no debate a respeito do uso das ideais liberais no contexto escravista brasileiro e suas implicações para a vida social e literária.

Fernando Nina (Universität Heidelberg)

Do/ 5ª, 21/09/2023, 9h15

**Formas de auto encenação (Selbstinszenierung)
como um contradiscurso barroco no século XVII:
Felipe Guamán Poma de Ayala e António Vieira**

A palestra propõe uma leitura do manuscrito *El primer nueva corónica y buen gobierno* (1615) do indígena Waman Puma e do Sermão de Santo António aos Peixes (1654) do Padre António Vieira como textos híbridos e contra discursivos, na medida em que ambos entrelaçam, as culturas europeias dominantes e as culturas indígenas americanas dominadas, de forma subversiva. As formas de auto encenação de Waman Puma e António Vieira geraram um espaço dentro da textualidade que lhes permitiu ganhar legitimidade para seus contradiscursos e transcender o espaço de poder gerado pela ordem colonial.

Romana Radlwimmer (Goethe-Universität Frankfurt)

Do/5ª, 21/09/2023, 10h

**Escrever o fim da crise.
As utopias e distopias imperiais
de António Vieira (1649) e Ailton Krenak (2022)**

Com um intervalo de quase quatrocentos anos, os escritores António Vieira e Ailton Krenak imaginam o futuro num mundo moldado pelo imperialismo. Perante a colonização e os conflitos ibéricos que tornaram “a vida em Portugal tão cansada” e provocaram “as doenças do Brasil”,

António Vieira propõe uma “nova história que escrevemos sobre o Quinto Império do mundo” (Vieira 8). Na sua *História do Futuro* (1649), concluída mais de um século após a publicação da *Utopia* de Thomas Morus, Vieira distingue entre um futuro desejável e um futuro a temer. O jesuíta pretende superar a forma atual do império, mas usa a retórica imperial para criar um paraíso iminente na terra em que Portugal será “o teatro [...] e o fim destas maravilhas” (Vieira 8). A colonização, sempre o motor de projectos utópicos (Chordas 3), continua a ser uma base da compreensão de Vieira. As suas ideias sobre o Quinto Império tornam-se um mito dominante, ainda cultivado por Fernando Pessoa em *Mensagem*. Longe de tais fantasias (proto-)nacionais, as visões do futuro de Ailton Krenak em *Futuro ancestral* (2022) afirmam: “Se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui” (Krenak 11). Desta forma, Krenak esboça uma nova relação entre o homem e a terra, centrada na sabedoria dos povos originários, para evitar o apocalipse. Esta contribuição é dedicada às respostas literárias e filosóficas de Vieira e Krenak às crises imperiais sobre as quais escrevem, e pergunta se existem, apesar das grandes diferenças históricas e epistemológicas, semelhanças estruturais nas suas configurações utópicas e distópicas.

Joana Serrado (Technische Universität Chemnitz)

Do/ 5a, 21/09/2023, 14h

As consciências do Império

Em 2012 Giuseppe Marcocci lançou a “A Consciência de um Império”, um estudo historiográfico onde o legado político do tribunal da Consciência na formação do império português é reavaliado. Para além de moral e

política, o discurso de e sobre a consciência, proporciona linguisticamente a passagem para uma reflexão do psicológica ou interior. As fontes atualmente designadas como Egodocumentos, desde cartas a memórias escritas, passando por outros registos manifestantes das atonalidades da consciência, promovem uma visão do privado, interior e inefável- Exemplo são as Cartas Portuguesas – sejam as atribuídas a Mariana Alcoforado, no século XVII ou às três Marias do século XX.

Em Zwickau, eu gostaria de apresentar alguns resultados provisórias da minha investigação que cruza as sentidos e expressões do religioso, feminino e ético na cultura em língua portuguesa. Durante a minha investigação histórico-filosofica sobre os textos das místicas barrocas portuguesas e no mundo portugues, deparei-me com um discurso teórico que acompanhava a recepção dessas mesmas fontes, transmitindo a consciência de um Império espiritualmente português, de autoridade, e simultaneamente, um Império espiritualmente feminino, de ResistênciaMas serão realmente estas duas aproximações historiográficas, tão distintas? Até que ponto se pode encontrar o Império e as suas fracturas através do legado sobrevivente das mulheres que viveram reclusas no Império de uma Consciência?

Esta reflexão pretende ilustrar as alianças, tensões e compromissos que os diferentes discursos operam sobre a determinação e auto-determinação do império da consciências *qua* femininas.

Oswald de Andrade e a 'utopia realizada' do matriarcado

Oswald de Andrade celebrou o "pensamento selvagem" no "Manifesto antropófago" (1928) e formulou, em pleno Modernismo, uma crítica mordaz e irônica à modernidade e ao progresso. Esta crítica incluiu uma oposição anticolonialista a qualquer pretensão doutrinária e dominadora de uma civilização (e religião) que se julga legitimada pela defesa de verdades universais e que, em consequência, se entende simplesmente como "a civilização". Em outros textos, como "A crise da filosofia mesiânica" (1950) e "A marcha das utopias" (1966), o autor desenvolve esta crítica "selvagem" à civilização (europeia) e seus imperialismos. Andrade detecta o germe da superação utópica da "civilização" na própria expansão colonial ao continente americano já que, como argumenta, com este descobrimento nasce a própria utopia: para ele, a "Utopia" (1516) de Tomás Moro não é um não-lugar senão uma topografia que remite à terra que Américo Vespúcio reconheceu como terra firme (a base do Novo Mundo) e que Martin Waldseemüller e Matthias Ringmann depois denominaram "América". O verdadeiro descobrimento, segundo Andrade, não é a nova terra senão o que ele chama a "extraordinária questão do homem natural": O que parece uma não-civilização se revela não como uma ausência do que representa a civilização senão como sua negação. Quer dizer que se a civilização se funda no "direito patrilineal", que institui a herança (propriedade), o trabalho e o Estado, a não-civilização se funda no "direito matrilineal" que estabelece o ócio, a igualdade e a liberdade. Neste sentido, a utopia, para Andrade é "americana" e ela é matriarcal. A

utopia de Andrade, neste sentido, é a superação da civilização e ela é um futuro que recupera o passado.

Hanna Nohe (Universität Bonn)

Do/5ª, 21/09/2023, 15h30

**Estratégias de *agency* e reivindicação de participação social
em produções sobre sujeitos 'do lixo':
*Quarto de Despejo (1960) e Boca de Lixo (1993)***

Uma estratégia do império português de perpetuar o seu poder nas colônias foi a reprodução das estruturas coloniais na sociedade brasileira depois da independência (Quijano 2014). Uma consequência é a marginalização da população afro-descendente que se reflete em nível sócio-geográfico nas favelas. A pobreza e a violência que se encontram nessas estruturas marginais podem ser in-terpretadas como fenômenos da crise do império e "distopias realizadas" (Ferdinand 2022), que se espelham na sua subalternidade como ausência no discurso político e social (Spivak 1983).

No entanto, na literatura e na produção cinematográfica há tentativas de tornar tais sujeitos visíveis e audíveis, criando assim novos lugares de enunciação. Assim, o diário *Quarto de Despejo. Diário de uma favelada* (1960) de Carolina Maria de Jesus, produzido em cooperação com o repórter Audálio Dantas, e o documentário *Boca de Lixo* (1993) de Eduardo Coutinho apresentam duas produções de gêneros referenciais em literatura e filme, respetivamente, que procuram conceder a voz aos sujeitos mesmos.

Portanto, na comunicação prevista, propõe-se a analisar as estratégias narrativas e cinema-tográficas de investir *agency* (Bhabha 1996) bem como a reivindicação de participação social expressada nos textos. Mesmo que as duas obras tenham recebido uma atenção crescente nos últimos anos, a comparação entre as duas obras permitirá observar diferentes possibilidades estratégicas e também a evolução da participação discursiva dos subalternos. Com base no conceito de colonialidade do poder (Quijano 2014) e do subalterno (Spivak 1983), serão apontados possibilidades e limites desse tipo de empoderamento.

Danae Gallo González (Justus-Liebig-Universität Gießen)

Fr/6ª, 22/09/2023, 8h30

"A formidável confusão da natureza":

Um olhar ecocrítico/poético e decolonial das crises do Império no romance (ultra)romântico e melodramático

O terremoto de Lisboa (1874) de Pinheiro Chagas

O terramoto, tsunami e incêndio de 1º de novembro de 1755 em Lisboa, metonimicamente conhecido como "terramoto de Lisboa", tornou-se um acontecimento cultural na história da filosofia, da cultura e da literatura ocidental, que é usado para o significar de diversas maneiras e para diferentes fins como um ponto de viragem, como uma crise no seu significado etimológico. Portugal, na primeira metade do século XVIII, era um império colonial mundial, naquilo a que a historiografia portuguesa chama o "Segundo Império" que, após o boom da exploração do ouro (Ciclo do ouro) (1693) e dos diamantes no final da década de 1720, encontrava-se em pleno esplendor colonial e com as suas "distopias

realizadas" para os colonizados (Lienhard 1992). O terramoto deixou a sua capital em ruínas. Esta crise "supuso un boom que hizo que la gran cantidad de revistas y periódicos que proliferaban la segunda mitad del siglo XVIII se llenaran de reflexiones e interpretaciones" dentro e fora de Portugal (Hurtado Simó 1). É célebre a querela entre Voltaire e Rousseau, os escritos de Kant e as suas variações discursivo-filosóficas até aos nossos dias, que muitas vezes sublinham a forma com que as discussões sobre este acontecimento mostram uma transição entre a tradição da teodiceia e o pensamento racional iluminista que daria lugar à ciência moderna: na maioria das narrativas retrospectivas, o Marquês de Pombal é constituído como o artífice da Lisboa moderna.

No entanto, esta lógica teleológica ignora muitas vezes as funções que este acontecimento assumiu durante o Romantismo e quais foram as expressões autóctones do sucedido. Goethe, em *Aus meinem Leben. Dichtung und Wahrheit* (1811-1822), nas suas reflexões sobre o terramoto de Lisboa, pergunta porque é que Deus deixou os justos à mercê da força incontrolável da natureza. Em Portugal, o ultrarromântico Pinheiro Chagas dedicou um romance histórico ao terramoto. No entanto, apesar de ser um dos autores mais lidos da época, as suas desavenças com Eça de Queirós obscureceram a sua obra literária, sendo ele o grande esquecido do Romantismo português.

Para os românticos, a natureza ocupa um lugar central na literatura como expressão do seu turbulento mundo interior e do "carácter nacional", que estava em crise, entre outras causas, nomeadamente devido à independência do Brasil em 1822. Além disso, parte da ecocrítica estabelece a sua genealogia neste período literário. Assim, este artigo tomará este romance como cenário privilegiado para analisar, de um ponto de vista ecocrítico/poético e decolonial, a forma como as crises

variáveis deste "Segundo Império" são representadas pouco depois do primeiro aniversário do terramoto de Lisboa e meio século após a independência do Brasil. A função do melodramático na peça será examinada para ver se é, como Peter Brooks (1985) afirmou, a forma privilegiada da modernidade para desempenhar um papel regulador nestas crises, eclipsando a tragédia como poética e contribuindo para o desenvolvimento do trágico a partir do melodrama.

René Ceballos (Universität Leipzig)

Fr/ 6ª, 22/09/2023, 9h15

Encruzilhadas históricas em António Lobo Antunes e Mia Couto

Os romances *Manual dos inquisidores* (1996) de António Lobo Antunes e *Vinte e Zinco* (1999) de Mia Couto constituem das obras brutais e críticas que se ocupam desde pontos de vista aparentemente opostos da queda e transição do domínio português, na medida em que neles se confrontam dois impulsos contrastantes: a nostalgia por uma glória ou felicidade originária e passada e a necessidade de combater e ao mesmo tempo *arquivar* memórias traumáticas. Ambos os romances podem ser lidos como um intervalo transitório, como uma possibilidade de *configurar* um importante comentário à transição da colónia para a república. As figuras principais apresentadas em ambos os romances não são heroicas, são personagens decrépitos com um corpo grotesco e disfuncional, como em *Manual dos inquisidores* ou, como no caso de *Vinte e Zinco*, estão dominados pelo pânico crescente que se expande em um espaço que não é mais já o império e que ainda não tem atingido o estatuto de nação. Com a desconstrução da identidade histórica e imperial nestes romances

se mostra que ela não é monolítica, mas sim diversa e multicultural, e que a discussão deve levar uma crescente consciência da importância do diálogo intercultural e da diversidade cultural. A queda do império português representada nestes textos significa um momento crucial na história não só porque marcou o fim de uma era de colonialismo, senão porque reforça a ideia da importância de uma renovação no pensamento hegemónico e de começar a falar em histórias e identidades nacionais em plural: É necessário repensar-nos introduzindo uma *lógica transversal* para atingir uma cosmovisão que permita a *simultaneidade do não-simultâneo*.

Susanne Grimaldi (Technische Universität Dresden)

Fr/6a, 22/09/2023, 10h

**Crises nos impérios:
Narrativas do Antropoceno
na literatura portuguesa contemporânea**

Uma parte importante da literatura escrita em Portugal está interessada pela representação dos acontecimentos históricos que moldaram o país como Estado-nação (Real 2012). Desde o início da crise sociocultural e financeira em Portugal, na literatura portuguesa têm proliferado textos que tanto ficcionalizam o futuro de Portugal como o seu desaparecimento (Fernández 2015). Com o começo da pandemia, proliferou também a escrita sobre impérios (às vezes em declínio), por vezes indo até às camadas geológicas do espaço descrito e apelando a uma leitura profunda do tempo e do espaço (*deep time*). Para além das abordagens geológicas, dominam as narrativas de catástrofes climáticas e das consequências geopolíticas que as acompanham, como a secagem do Tejo, a presença

permanente de secas e a descrição das subseqüentes guerras pela água (Reis 2022). Além disso, estes impérios caracterizam-se por vários elementos de populismo, autoritarismo e vigilância, bem como por novas formas de colonialismo, exploração e escravatura. A estes elementos distópicos contrapõem-se, por vezes, narrativas de revolta e de esperança nos "saberes ancestrais". Finalmente, a ficcionalização de distopias perturbadoras, o medo do colapso climático, a fuga e a deslocação apontam para narrativas do Antropoceno.

O objetivo desta palestra será perceber em que medida os textos sobre o presente português podem ser definidos pelas suas narrativas do Antropoceno, ou se existem sobreposições com outros géneros como a ecoprecariedade, a cli-fi ou a ficção do colapso ecológico. Quais são as particularidades desta escrita antropocénica do presente português e como é que estes textos funcionam em termos de estética formal?

Ângela Nunes / Cornelia Sieber

(Johannes Gutenberg-Universität Mainz / Germersheim)

Fr/5a, 22/09/2023, 11h15

Das Ende des Lebens am Ende des Imperiums

In *Último olhar* (2021) und *Misericórdia* (2022) verarbeiten Miguel Sousa Tavares und Lídia Jorge die globale Pandemie als Endpunkt des Lebens ihrer ProtagonistInnen und entwerfen damit – in aller Unterschiedlichkeit der gezeichneten Lebenssituationen – ein Bild eines sich vollziehenden Generationenwechsels, bei dem sich auch die Mythen des Imperiums auflösen und mit den jüngeren Akteuren ein ‚globales‘ Denken durchsetzt. Die dystopischen Endzeitszenarien in den utopisch anmutenden Orten

bilden jeweils die Altersheime Vale Encantado und Hotel Paraíso. Sousa Tavares prononciert anhand seines spanischen Protagonisten Pablo Segovia Rodríguez, der mit zwölf Jahren im spanischen Bürgerkrieg kämpfte und danach im Kriegsflüchtlingslager in Frankreich und vier Jahre im KZ Mauthausen überlebte, eine Verschiebung zwischen den grausamen und gefährlichen politischen Ideologien des vergangenen Jahrhunderts und den neuen ethischen Gefahren, die um Leben oder Tod, Selbstbestimmung und Freiheitsräume kreisen. Lídia Jorge entfaltet anhand der fiktiven Mitschriften der Gespräche mit ihrer Protagonistin Maria Aberta Nunes Amado im Hotel Paraíso den langsamen Autonomieverlust, der mit dem Lebensende in einer modernen Seniorenresidenz einhergeht, und potenziert die Schilderung wachsender Hilflosigkeit mit der Ameisenplage, die die Residenz befällt und von einem überlebenden Senioren als apokalyptischer Vorbote gedeutet wird. Maria, die zu Zeiten Salazars die Schule besuchte und über Jahrzehnte ihren Atlas als größten Wissensschatz hütete, und Pablo, verbinden ihren Alltag noch mit großen Denk- und Erklärungsmustern, die den VertreterInnen jüngerer Generationen, die in technischen und wissenschaftlichen Begriffen denken, fern sind. Diese Darstellungen als Metaphern für ein leises Ende des Imperiums zu deuten, schließt auch die explizit kritische Auseinandersetzung mit dem portugiesischen Kolonialismus durch die AutorInnen in ihren frühen Romanen *Equador* und *A costa dos murmúrios* mit ein, die als Subtexte in den aktuellen literarischen Verarbeitungen mitgedacht werden können.

Ângela Nunes / Cornelia Sieber

(Johannes Gutenberg-Universität Mainz / Germersheim)

Fim de vida no fim do império

Em *Último olhar* (2021) e *Misericórdia* (2022) Miguel Sousa Tavares e Lídia Jorge tratam a pandemia global como o fim de vida dos seus protagonistas, revelando – não obstante a diversidade das vidas retratadas – uma imagem de mudança de gerações em curso, em que também os mitos do império se desvanecem à medida que se vai impondo um pensamento "global" através dos representantes mais jovens. Os cenários distópicos de fim dos tempos, em lugares pretensamente utópicos, são, respetivamente, as residências sénior Vale Encantado e Hotel Paraíso. Miguel Sousa Tavares serve-se do seu protagonista espanhol, Pablo Segovia Rodríguez, que aos doze anos luta na Guerra Civil de Espanha, é internado num campo de refugiados de guerra em França e sobrevive a quatro anos no campo de concentração nazi de Mauthausen, para evidenciar uma transição das ideologias políticas cruéis e perigosas do século passado para os novos perigos éticos que comprometem a vida, a morte, a autodeterminação e os seus espaços de liberdade. Lídia Jorge utiliza transcrições fictícias das conversas com a sua protagonista, Maria Aberta Nunes Amado, no Hotel Paraíso, para explorar a gradual perda de autonomia que acompanha o fim de vida dos idosos numa moderna residência sénior, intensificando a descrição da crescente impotência dos utentes com a infestação de formigas que invade a residência e é interpretada por um idoso sobrevivente como um prenúncio apocalíptico. Maria, que frequentou a escola durante o regime salazarista e guardou um atlas como o seu maior tesouro de conhecimento durante décadas, e Pablo, ainda associam o seu quotidiano a grandes padrões de pensamento e de explicação do mundo, hoje distantes dos pensamentos técnicos e

científicos dos representantes das gerações mais jovens. Interpretar estas representações como metáforas de um fim silencioso do império incorpora a análise explicitamente crítica do colonialismo português feita pelos autores nos seus primeiros romances *Equador* e *A costa dos murmúrios*, lidos aqui como subtextos destas obras literárias atuais.